

RM PREMIO RAFFAELE MASTO

A FAVORE DELL'ATTIVISMO CIVICO IN AFRICA

São divulgados os vencedores da segunda edição do Prêmio Raffaele Masto

Michael Ozo Osahon, 43, da Nigéria e **Cecilia Gregoria Cassapi**, 50, de Angola: são os vencedores da segunda edição do Prêmio Raffaele Masto - nomeado em memória do conhecido jornalista e escritor, falecido em 28 de março de 2020 - a favor do ativismo cívico na África.



Michael Ozo Osahon é um ativista gay em um país onde a homossexualidade é punida com 14 anos de prisão. Realiza um grande trabalho de informação e prevenção contra a AIDS e administra uma casa segura para pessoas LGBT. A casa está disfarçada, o governo nigeriano não sabe de sua existência e não sabe que é o responsável por ela, conhecendo-o apenas por suas atividades de prevenção ao vírus HIV. Desafiando as leis repressivas, lutando contra a discriminação e o preconceito generalizado, Michael trava uma batalha corajosa que lhe custou ameaças e intimidações.

Cecilia Gregoria Cassapi, ativista dos direitos humanos, residente no sul de Angola, a região menos desenvolvida do país, desde muito jovem esteve envolvida na defesa dos direitos dos trabalhadores nas comunidades rurais, emancipação da mulher e direito à terra. Está particularmente empenhada em denunciar os efeitos da extração mineral: desde a degradação ambiental (destruição do solo, poluição dos lençóis freáticos) até a expulsão de suas terras dos habitantes das comunidades rurais, que também sofrem violência e tortura por parte das autoridades e proprietários de terras.

Ambos os vencedores vão receber 2.500 euros angariados através de uma campanha de crowdfunding e um convite para virem a Itália dar a conhecer as suas batalhas, por ocasião da cerimónia de entrega de prémios a realizar nos próximos meses, em data a definir. “Não foi fácil escolher os vencedores, entre as 25 candidaturas que chegaram de toda a África”, salientou a presidente do júri, Gisele Ahou Kra, mulher de Raffaele Masto. «**Muitos teriam merecido ganhar o Prémio**, demonstrando a vitalidade da sociedade civil no continente africano, que é muito pouco divulgada e apoiada.»

A Secretaria do Prémio anunciou os nomes de outros cinco ativistas que receberam uma **menção honrosa**: candidatos que, apesar de não serem vencedores do Prémio, se destacaram e foram particularmente apreciados pelos membros do júri. Mulheres e homens "de boa vontade" que Raffaele Masto teria contado em suas apaixonadas reportagens:

- **Grégoire Ahongbonon**, 71 anos, natural do Benin, chamado "o Basaglia da África", cuida de milhares de pessoas com problemas de saúde mental nos centros geridos pela associação San Camillo, que ele fundou, opondo-se também aos representantes religiosos locais que eles realizam exorcismos em pessoas com transtornos mentais ou epilepsia. Em trinta anos de atividade, a associação devolveu dignidade a 130 mil pessoas.

- **Jacqueline Moudeina**, 66 anos, chadiana, é advogada (uma das primeiras mulheres a exercer a advocacia em seu país) e ativista, ex-líder da Associação Chadiana para a Promoção e Defesa dos Direitos Humanos (ATPDH). Tem-se destacado pelo seu empenho no combate ao tráfico de crianças, na luta contra a impunidade, na defesa de pessoas vulneráveis: em particular as vítimas da repressão do regime de Habré, e as mulheres que sofrem violência.

- **Didi Stanley Kiaviha**, 44 anos, queniano, ex-menino de rua, com a sua associação de Recicladores de Nairobi empenha-se em defender a dignidade e o trabalho dos jovens catadores de Dandora, o maior aterro sanitário da África negra, e promove atividades comunitárias ambientais (renovação de cursos d'água, limpeza de ruas, plantio de novas árvores)

- **Latifa Walhazi**, 44, tunisina, é ativista e vice-presidente da Associação de Mães de Migrantes Desaparecidos. Desde 2016 que se dedica a ajudar as famílias que perderam os seus entes queridos - afogados ou desaparecidos - durante a travessia do Mediterrâneo, prestando com a sua associação apoio psicológico e material (ajuda em matéria de saúde e proteção jurídica) e trabalhando na criação de ligações com outras associações similares presentes em outros países africanos.

- **Ben Kamuntu**, 30, congolês, é um jovem ativista de direitos humanos que também foi preso em 2018 por seu compromisso civil. Dessa experiência nasceu sua arte: a poesia e a música como forma de reagir às desigualdades e quebrar o ciclo da violência. Sua arte tem sido utilizada em inúmeras atividades com meninas vítimas de violência, que através da poesia encontraram uma forma de reelaborar suas próprias experiências.

Agradecendo a sua participação, gostaríamos de destacar que você poderá se inscrever novamente para a próxima edição do Prêmio Raffaele Masto a ser realizado em 2024, cujos detalhes serão comunicados no site Amici di Raffa (www.amicidiraffa.it).